

118 Recepção nos EUA deixa Cardoso otimista

■ No primeiro dia da visita, presidente almoça com empresários em Nova Iorque e conclui que estabilização trará investimentos ao Brasil

MARCIA CARMO E
FLAVIA SEKLES

NOVA IORQUE— Apesar de ter dormido pouco, o presidente Fernando Henrique Cardoso estava satisfeito no primeiro dia de visita aos Estados Unidos, onde permanecerá com a mulher Ruth Cardoso e quatro ministros até o próximo sábado. Ele está certo de que a estabilização da economia brasileira vai gerar novos investimentos no país. E que será possível conseguir, com o apoio do comércio externo e da aceleração das privatizações, a conquista dos US\$ 70 bilhões necessários para investimentos na área de infra-estrutura nos próximos quatro anos.

Em um almoço com os pesos-pesados do empresariado mundial, o presidente, vestido de terno de lã por causa da temperatura de dez graus positivos, falou do Real, da relação com o Congresso Nacional, da consolidação da democracia, da lei de concessões, do Mercosul e justificou o aumento das alíquotas de importação como uma medida “temporária”, adotada para manter a balança comercial equilibrada e devido à crise mexicana. Acabou elogiado pelos presentes, reunidos no Links Club, um clube privado de executivos.

“O aumento das alíquotas não altera o rumo da economia brasileira que caminha no sentido da integração e da abertura cada vez

maior”, afirmou Cardoso. “Encontrei aqui entusiasmo em relação ao Brasil, da capacidade de crescer da nossa economia, da seriedade como estamos levando as questões.”

Esse também foi o tom das entrevistas de Cardoso à CNN espanhola e à NBC (duas das maiores redes de televisão americanas) e às revistas *Newsweek*, *Fortune* e *Time*. Nas duas primeiras entrevistas, os repórteres quiseram saber especificamente sobre a economia brasileira — no momento, o assunto preferido do presidente, que acha que o controle da inflação é a maior bandeira do governo.

Expectativa — “Durante muito tempo, o Brasil não era nem notado aqui. Ninguém acreditava na gente por causa da inflação. Hoje, perguntam, querem saber tudo do Real, têm confiança no Brasil”, disse Fernando Henrique em entrevista à Radiobrás. E concluiu dizendo que os Estados Unidos também não consultaram ninguém para aumentar recentemente as taxas de juros. “O importante é que a expectativa de investir no Brasil é grande e será maior ainda”, comemorou. Fernando Henrique voltou a chamar de “neoconservadores” os pessoas que resistem às reformas constitucionais, mas disse que só é questão de tempo.

No almoço com a nata do empresariado, o presidente, acompa-

nhado do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e de outras autoridades brasileiras, falou de improviso para a plateia de 20 empresários reunidos por Jonh Reed, presidente do Citibank. “Ele é obviamente muito sério, paciente e pensa a longo prazo. Fez uma demonstração madura e ampla”, comentou David Mulford, ex-sub secretário do Tesouro, agora no Credit Suisse First Boston.

Reed completou: “O Brasil está indo muito bem e os fundamentos são fortes. Nos últimos dez, quinze anos o processo político se solidificou”. O presidente do Citibank disse que por esses motivos não há por que em momento qualquer comparar a economia brasileira com a do México. Outro que elogiou o Brasil foi Robert Hormatz, da empresa de investimentos Goldman Sachs. “O Brasil é diferente do México. Mas não é só por isso que estamos otimistas, mas também por sua democracia consolidada”.

Estavam no almoço representantes da Philip Morris, que no Brasil está representada pela Kibon, e fez questão de informar que com o Real as vendas subiram 30% em relação ao mesmo período do ano passado. Participaram também do encontro integrantes da Ford, Colgate, Dupont, Digital, J. P. Morgan.

Nova Iorque — Maria José Lessa



DECLARAÇÕES AMERICANAS

“Enquanto o Clinton tem maioria organizada contra ele, eu tenho maioria desorganizada a meu favor”

“Encontrei aqui entusiasmo em relação ao Brasil, à capacidade de crescer de nossa economia”

Fernando Henrique Cardoso